

Luís Carlos Guedes Pinto

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Mais equilíbrio nos negócios pode melhorar a renda no campo

Bruno Blecher
da Redação

ENGENHEIRO agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, turma de 1965, com doutorado em 1973 e estudos de pós-doutorado na Universidade de Córdoba (Espanha), em 1991, o ministro Luís Carlos Guedes Pinto é paulista de Vera Cruz, cidade do interior.

“Tornar menos desiguais” as relações entre os produtores e os grandes compradores é uma das metas do MAPA, caso Guedes Pinto acompanhe o presidente Lula em seu segundo mandato.

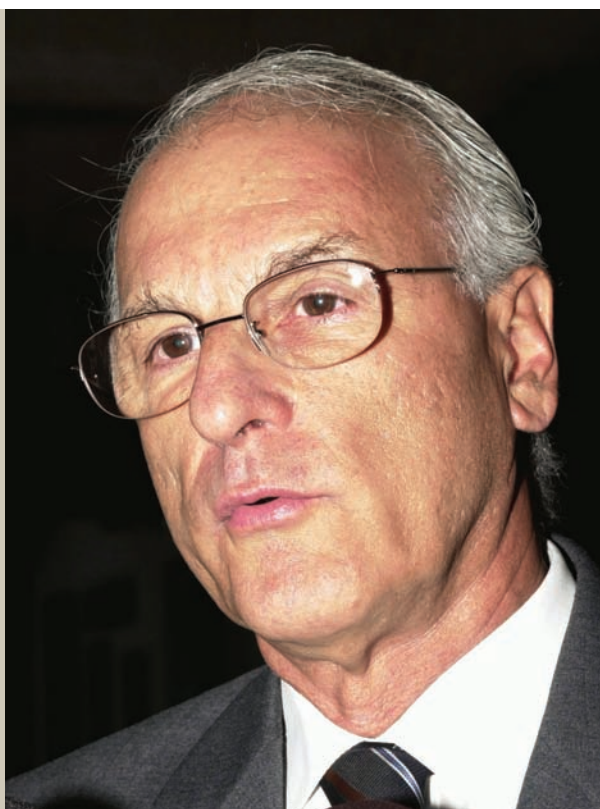
Para o ministro, pecuaristas e frigoríficos, usineiros e fornecedores de cana, produtores de laranja e as esmagadoras, agricultores de grãos e as grandes *tradings* precisam adotar relações comerciais mais justas, equilibradas e duradoras.

“Um clima mais favorável para os negócios, além de ferramentas como seguro rural e mercado futuro, podem evitar oscilações de preços e garantir mais tranquilidade e segurança ao produtor rural”, diz Guedes Pinto.

AGROANALYSIS A agricultura vai sair do fundo do poço ou devemos preparar-nos para mais turbulências na frente?

LUÍS CARLOS GUEDES PINTO Essa crise vai ser superada, o que é novidade no caso da agricultura que, por sua própria natureza, é uma atividade cíclica. A última crise foi mais intensa porque durou dois anos, 2004 e 2005, com uma seca muito forte, que derrubou a produção e, consequentemente, causou queda da renda dos produtores. Além disso, os preços das *commodities* agrícolas no mercado inter-

“A superação das crises da agricultura, segundo as nossas estimativas, custou ao governo na média dos últimos anos entre R\$ 3 e R\$ 4 bilhões ao ano, o que supera o orçamento do MAPA, que não chega a R\$ 700 milhões por ano”



“O Brasil tem condições de triplicar a sua produção agrícola sem a necessidade de derrubar uma árvore. Apenas melhorando, sobretudo, a produtividade de suas pastagens”

nacional registraram quedas. Iniciou-se o plantio com o dólar na faixa de R\$ 3,10 e, durante a colheita, o dólar estava em R\$ 2,50. Houve uma forte queda na renda do produtor, como também um custo de produção bem alto mais alto. Foi uma das maiores crises da agricultura brasileira

AGROANALYSIS Quais são as perspectivas para 2007?

GUEDES PINTO Tudo indica uma recuperação do setor. Os preços já estão melhores, e os custos de produção nesta safra foram bem mais baixos que nas safras anteriores. Com a recuperação de preços e a expectativa de um clima mais favorável, o ano agrícola será bom no Centro-Sul do País. Em termos de renda, 2007 deverá ser melhor, embora eu não goste de prever o futuro. A safra será igual ou até um pouco mais gorda que no ano passado. Estamos iniciando um processo de recuperação.

AGROANALYSIS A agricultura brasileira sempre alternou fases de vacas magras e vacas gordas, o que naturalmente faz parte da atividade. Mas não há um jeito de reduzir essas oscilações?

GUEDES PINTO É possível sim, e esta é uma preocupação do governo. Estamos discutindo um novo modelo para a agricultura brasileira. O Brasil tem como característica ficar sempre reagindo às crises, correndo atrás dos prejuízos como se diz. Nós temos que implantar um modelo em que a posição do governo seja mais ativa. Cabe à gestão agir, em vez de sempre ficar reagindo. Neste novo modelo, alguns instrumentos são fundamentais. Um deles é

o seguro rural. O produtor deve se proteger. Já temos uma legislação de seguro rural, que estabelece subsídios de até 60% do prêmio. Isto, porém, não será implantando de um dia para outro. É um processo de médio prazo. Temos de viabilizar o seguro rural, ampliando os subsídios de seguro ao prêmio.

AGROANALYSIS Outra ferramenta importante é o Fundo de Catástrofe. Como está a discussão sobre isto?

GUEDES PINTO O seguro, o resseguro e o Fundo de Catástrofe são fundamentos importantes do novo modelo, assim como o mercado futuro. Precisamos difundir os mercados futuros. Queremos diversificar e ampliar as fontes de recursos para os agricultores. Há vários papéis no mercado, mas precisamos divulgar mais estes instrumentos.

AGROANALYSIS Como melhorar as relações comerciais dentro das cadeias produtivas?

GUEDES PINTO Precisamos tornar menos desiguais as relações entre os produtores e os grandes compradores. Por exemplo: entre o pecuarista e o frigorífico, entre o usineiro e o fornecedor de cana, o produtor de laranja e as esmagadoras. Os produtores de grãos com as *tradings*.

AGROANALYSIS Como fazer isto?

GUEDES PINTO Criar mecanismos de contratação que tornem menos desequilibradas as relações de comércio. Aconteceu algo parecido com a soja, em 2003-2004, quando os preços dispararam e alguns

produtores se recusaram a entregar os grãos. Isto deve ser resultado de um diálogo nas cadeias e até de normas legislativas, como acontece em alguns países do mundo. A riqueza criada no setor deve ter uma distribuição mais equilibrada e justa.

AGROANALYSIS Quais são as bases deste novo modelo?

GUEDES PINTO O principal é proporcionar aos produtores mecanismos para reduzir as oscilações do mercado, dar maior estabilidade à renda e também diminuir as crises que são políticas.

AGROANALYSIS O governo pensa em intervir mais no mercado?

GUEDES PINTO As crises, às vezes, obrigam o governo a tomar medidas excepcionais, que muitas vezes custam muito caro. A superação das crises da agricultura, segundo as nossas estimativas, custou ao governo, na média, de R\$ 3 bilhões a R\$ 4 bilhões por ano, o que supera o orçamento do MAPA, que não chega a R\$ 700 milhões/ano. Isso envolve os mecanismos de prorrogação de dívidas, de apoio à comercialização. Com um custo menor para o Tesouro, poderíamos dar mais estabilidade ao setor rural. O governo deveria se limitar a socorrer à agricultura nos casos excepcionais, de catástrofe.

AGROANALYSIS O Brasil tem sido muito elogiado pelos seus programas de agro-energia. Mas há muita gente que critica esses programas, alegando que eles podem provocar uma forte alta nos preços

“A Embrapa hoje é a principal instituição de pesquisa agrícola do mundo tropical. É uma referência para o mundo”



dos alimentos. Como o senhor avalia a questão?

GUEDES PINTO O Brasil tem condições de triplicar a sua produção agrícola sem a necessidade de derrubar uma árvore. Apenas melhorando, sobretudo, a produtividade de suas pastagens. Temos 200 milhões de hectares de pastos no Brasil para um rebanho de em torno de 200 milhões de cabeças. Em função da tecnologia de que dispomos, a ociosidade é muito grande. Com a tecnologia de integração lavoura e pecuária, por exemplo, podemos reduzir quase 30% dos pastos e aumentar a produção de carne e de leite, liberando áreas e recuperando essas terras degradadas. Há áreas no Brasil que estão abandonadas, e não são áreas de preservação e, portanto, podem ser incorporadas à agricultura. Podemos incorporar ao processo produtivo cerca de 70 milhões de hectares, o que é expressivo, se você considerar que hoje o país ocupa 45 milhões de hectares com a produção agrícola.

AGROANALYSIS Nós podemos deixar de usar terras nobres para produzir cana?

GUEDES PINTO Temos tecnologia para isso. A área total de cana no Brasil hoje está pró-

xima de 6 milhões de hectares. Podemos duplicar esta área tranquilamente, só recuperando as pastagens degradadas. Desde o início do Proalcool até hoje, nós dobramos a produção de álcool por hectare, via variedades mais produtivas e da tecnologia agroindustrial. Nós criamos a Embrapa Agroenergia, que vai realizar pesquisas na área de etanol de biodiesel. Nós só estamos começando a produzir biodiesel no Brasil. A produtividade ainda é muito baixa, de 600 a 800 litros por hectare. A Embrapa está trabalhando com 17 espécies diferentes de matérias-primas para produção de biodiesel: soja, mamona, dendê, pinhão manso e muito mais. Nós temos horizonte formidável pela frente.

AGROANALYSIS Há muitas críticas lá fora de que o Brasil estaria derrubando a Floresta Amazônica para produzir hambúrguer.

GUEDES PINTO O Brasil é muito acusado no exterior pelo uso de trabalho escravo e pela destruição de suas matas. É lógico que existem alguns casos isolados, mas não se pode atribuir o sucesso do agronegócio brasileiro a esses problemas. A Organização Internacional do Trabalho, em

relatório de 2005, aponta o Brasil como um modelo a ser seguido no combate aos trabalhos forçados. O mesmo ocorre em relação à Amazônia. Confunde-se muito no exterior a Amazônia Legal com a Floresta Amazônica. São áreas distintas. Grandes áreas de Mato Grosso não são áreas de floresta. A área de soja na Amazônia é de 0,27% segundo levantamentos feitos pela Embrapa. A carne que vem da Amazônia não representa 2% da produção brasileira.

AGROANALYSIS A que o senhor atribui as acusações?

GUEDES PINTO São pessoas que foram prejudicadas pelo sucesso do agronegócio brasileiro. A mais alta tarifa que o Brasil impõe nas suas importações é de 35% sobre automóveis. Na Europa, nós enfrentamos tarifas de 200 a 300%, além dos subsídios. Também temos de enfrentar barreiras sanitárias excessivas. E agora, essas acusações, resultado da alta competitividade brasileira.

AGROANALYSIS Como o Brasil tem reagido ao protecionismo de países como os EUA, a União Européia e o Japão?

GUEDES PINTO Temos uma posição agressiva dentro do G-20, que é coordenado pelo Brasil. O propósito fundamental do G-20 é derrubar os subsídios e o protecionismo. Nós não queremos ajuda, nós queremos uma relação comercial justa no comércio mundial.

AGROANALYSIS A Embrapa completa 34 anos em abril de 2007 e recebe uma justa homenagem no caderno especial encartado nesta edição de Agroanalysis. O que o senhor tem a dizer sobre a instituição?

GUEDES PINTO Eu tive o privilégio de participar do grupo que fundou a Embrapa, estava lá no ato de instalação. A Embrapa é hoje a principal instituição de pesquisa agrícola do mundo tropical. É uma referência. Ela acaba de instalar um escritório em Gana, na África. ■